

# O cenário político brasileiro na epifania outsider da Legião Urbana<sup>1</sup>

Julliany Mucury<sup>2</sup>

## RESUMO

Este breve estudo visa a exploração da representação do cenário político-social brasileiro da década de 1980 erigida por Renato Russo nas letras de “Perfeição” e “Que país é este?”, que ironizam e apresentam uma visão crítica das distopias que acabaram por vir junto com a capital planejada: Russo, como sujeito criador inflige às suas canções uma carga intencionalmente complexa, mix das tensões vividas na cidade (Brasília), dos flagelos humanos, da existência em si e da indignação político-social, construindo as letras de canção tanto de forma passionalizada como figurativizada, escancarando as fissuras de um projeto de cidade/sociedade que esbarra numa herança cultural oscilante. Somaremos nossa voz às vozes de Paul Zumthor, Zygmud Bauman, Giorgio Agamben e Octavio Paz a fim de uma leitura transtextual com a intenção de identificar as fronteiras do sujeito fragmentado e os caminhos cruzados de sua recomposição no tempo-espaço condensado das artes.

**Palavras-chave:** canção popular brasileira; Renato Russo; Brock; poesia; rock and roll

## The Brazilian political scene in the outsider epiphany of the Legião Urbana

### ABSTRACT

This brief study aims at exploring the representation of the Brazilian political-social scene of the 1980s, erected by Renato Russo in the lyrics of "Perfection" and "Which country is this?", which ironically present a critical view of the dystopias that eventually came together with the planned capital: Russo, as a creative subject, inflicts on his songs an intentionally complex load, a mixture of tensions lived in the city (Brasilia), human scourges, of existence itself and political-social indignation, constructing the lyrics as both passionalized form as figurativized forms, opening the fissures of a city / society project that runs up against an oscillating cultural heritage. We will add our voice to the voices of Paul Zumthor, Zygmud Bauman, Giorgio Agamben and Octavio Paz for a transtextual reading with the intention of identifying the boundaries of the fragmented subject and the crossed paths of its recomposition in the condensed time-space of arts.

**Keywords:** Brazilian popular song, Renato Russo, Brock, poetry, rock and roll.

Recibido: 07 de mayo de 2019

Aceptado: 28 de junio de 2019

---

<sup>1</sup> Estudo a partir da tese de doutorado que será defendida em novembro/2019, submetida ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília – UnB, Brasil y foi apresentado como comunicação no IX Encuentro del Grupo de Investigadores: *Textualidades contemporáneas: procesos de hibridación*, 23 de octubre de 2018.

<sup>2</sup> Mestra e, atualmente, Doutoranda na Universidade de Brasília – UnB, no Instituto de Letras – IL, Departamento de Teoria literárias e Literatura – TEL. jullianymucury@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

“Que País É Este” (1987) é o álbum que nasce da reunião de músicas da primeira banda formada por Renato Russo, chamada Aborto Elétrico, e que nunca haviam sido submetidas a registro comercial. Esta canção abria todos os shows da banda, indo ao encontro de uma plateia que vivia sob os planos monetários do governo Sarney e a descrença perante seus governantes. Uma das principais músicas deste álbum é “Faroeste Caboclo”, que ocupou mais da metade do tempo total de gravação do LP e foi composta em duas tardes por Renato. Essa canção tornou-se lema de uma geração, que decorou os 159 versos da narrativa sobre o emigrante João de Santo Cristo e suas peripécias pelas cidades satélites e o Plano Piloto de Brasília, capital do país.

A música “Que país é este” foi escrita em 1978, na época em que Russo ainda fazia parte do Aborto Elétrico. Affonso Romano de Sant’Anna lança, em 1980, o livro de poesias: “Que país é este?”, mas nenhum dos autores revelou haver qualquer relação entre as obras de mesmo nome. No poema de Renato Russo o movimento da onda imaginária, construída pela oscilação introspectiva versus expansiva de sua produção, sobe o tom e atinge novamente o país, menciona os estados da federação e o patrão que descansa. Há ironia explícita, o país como piada no exterior e a apropriação do discurso alheio “vamos faturar um milhão”, que culmina com a frase mais aguda da venda das almas dos índios num leilão, o que remete a outras letras de Russo e à própria condição de terceiro mundo/colônia a que o Brasil está sujeito.

## **A CANÇÃO COMO LUGAR DE POESIA E PROTESTO**

O cancionista realiza a possível intenção de chocar o público com o tom de protesto cítrico que escolhe, a prova vem no vocabulário escolhido: “sangue”, “venda”, “almas”, “leilão”, que está relacionado a uma narrativa antiética intencional. A reincidência da pergunta “Que país é este?” e o refrão que era cantado em coro como resposta a esta indagação evidenciam um período em que o Brasil estava saindo da crise política por caminhos ainda muito mal desenhados, no começo da década de 1980 não havia certezas e a atitude pós-punk-protesto calhava como arte engajada para a banda e para a canção, que virou lema daquela geração, ainda em trânsito. Neste sentido, Agamben nos concede seu entendimento sobre o papel do poeta contemporâneo:

O poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo. Mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente do seu século? Neste ponto gostaria de lhes propor uma segunda definição de contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (2010, pp. 62-3).

A medida que ideias de libertação nacional iam tomando forma, a função social da poesia e da canção mostrou-se parte de todo um processo histórico. “Que país é este” foi uma dessas canções de forte função social, além de hino de um tempo marcado pela redemocratização. No refrão uma pergunta – e “essa pergunta, não é uma pergunta, é uma exclamação!”, frase de Renato Russo que expressa o ideal dessa composição –, que se tornou lema de um tempo que não finda, tendo em vista que ainda hoje é entoada nos protestos de massa, diante das inacreditáveis manobras dos políticos mesmo diante da opinião pública, mais conectada e em tempo real do que nunca. Junto com “Geração Coca-cola” esta canção entranhou-se no seio da juventude que vivia os dissabores da década de 1980, em plena transição entre ditadura e “liberdade”, todos se indagavam sobre o futuro de si próprios e da nação. Ao resgatar no terceiro LP da banda uma letra que havia escrito em 1978, o poeta trouxe para o ano de 1987, quase uma década depois, o mesmo sentimento de indignação de outrora, com um refrão simples e eficaz, cru como a dor do estranhamento diante da política do período. Ainda hoje, 40 anos depois, a indignação persiste:

Que país é este?

Nas favelas, no senado  
Sujeira pra todo lado  
Ninguém respeita a constituição  
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é este?

No Amazonas, no Araguaia, na Baixada fluminense  
No Mato grosso, nas Gerais e no Nordeste tudo em paz  
Na morte eu descanso mas o sangue anda solto  
Manchando os papéis, documentos fiéis

Ao descanso do patrão

Que país é este?

Terceiro Mundo se foi  
Piada no exterior  
Mas o Brasil vai ficar rico  
Vamos faturar um milhão  
Quando vendermos todas as almas  
Dos nossos índios num leilão.

Que país é este?

Muito se questiona sobre as influências entre esse poema e o escrito por Affonso Romano de Sant'Anna, com o mesmo título, no entanto, nenhum dos dois autores revela contato com a obra do outro. Aliás, como o próprio Affonso por vezes defende, a paráfrase, o pastiche e a apropriação têm tomado conta do mundo das artes sem que se mencione dê crédito, muitas vezes, às "inspirações". O poema de Sant'Anna revela que o que ele expressa de fato é o mesmo que Russo, no entanto, em versos mais ferozes e contundentes, explora não só a indignação política, mas a memória histórica de opressão a que nosso país se sujeitou:

Que país é este?

1

Uma coisa é um país,  
outra um ajuntamento.  
Uma coisa é um país,  
outra um regimento.  
Uma coisa é um país,  
outra o confinamento.  
Mas já soube datas, guerras, estátuas  
usei caderno "Avante"  
– e desfilei de tênis para o ditador.  
Vinha de um "berço esplêndido" para um "futuro radioso"  
e éramos maiores em tudo  
– discursando rios e pretensão.  
Uma coisa é um país,  
outra um fingimento.  
Uma coisa é um país,  
outra um monumento.  
Uma coisa é um país,  
outra o aviltamento.  
[...]

2

Há 500 anos caçamos índios e operários,  
há 500 anos queimamos árvores e hereges,  
há 500 anos estupramos livros e mulheres,  
há 500 anos sugamos negras e aluguéis.

Há 500 anos dizemos:

que o futuro a Deus pertence,  
que Deus nasceu na Bahia,  
que São Jorge é que é guerreiro,  
que do amanhã ninguém sabe,  
que conosco ninguém pode,  
que quem não pode sacode.

Há 500 anos somos pretos de alma branca,  
não somos nada violentos,  
quem espera sempre alcança  
e quem não chora não mama  
ou quem tem padrinho vivo  
não morre nunca pagão.

[....]

bebemos cachaça e brahma  
joaquim silvério e derrama,  
a polícia nos dispersa  
e o futebol nos conclama,  
cantamos salve-rainhas  
e salve-se quem puder,  
pois Jesus Cristo nos mata  
num carnaval de mulatas.

[....]

São mais de 500 anos de um país feito, em grande parte, do acúmulo de enganos, abusos, preconceitos, violência e morte. O que se tece é uma rede de intenções em propagar o embate, a fim de levar ao público um questionamento profundo sobre suas origens e a formação da identidade brasileira. Se o alvo foi atingido com essa intensidade seria revelado na recepção do público, mas com certeza há um legado de protesto que vai além do punk e mostra que a geração de cancionistas que se manifestava no período pós-ditadura não queria mais sufocar seu grito, impondo sua marca poética para instituir a memória e a consolidação da dor deste tempo.

Os ecos desse intento foram sentidos, manifestos e trouxeram uma geração de escritores inquietos, ainda sob o efeito do silêncio forçado da ditadura (tal como a geração mimeógrafo, da qual Nicolas Behr, “cria” de Brasília, fez parte e por isso foi interrogado

pelo DOPS<sup>3</sup>). Não se podia mais falar em inocência, todos sabiam dos percalços da arte nesse tempo, exilados ou não, o que ficou foi uma cicatriz doída, que teima em silenciar o efeito de tanto açoite. Muitos foram os artistas expulsos do país nesse período, sem mencionar os que desapareceram simplesmente, vítimas da tortura e da morte, e as produções culturais todas traziam um cuidado com a linguagem para burlar o crivo dos “fiscais” da censura, que quando descobriam haver um caráter perigoso nas obras, vetavam sua veiculação.

A veia de protesto e consciência do sujeito diante dos conflitos político-sociais da sociedade na época da redemocratização (e presentes até hoje) evidencia-se também em outra canção de autoria de Russo e que vamos enfocar neste breve estudo. A canção é “Perfeição” e faz parte do álbum “O Descobrimento do Brasil”, o sexto álbum da banda, lançado em 1993 pela gravadora EMI. Este lançamento coincidiu com o início do tratamento de Renato Russo para livrar-se da dependência química e ele se mostrava otimista quanto ao sucesso da empreitada, o que se verifica em seus versos. Foi na turnê desse disco também que se realizou o último show da Legião Urbana, em 14 de janeiro de 1995, em uma casa noturna de nome *Reggae Night*, em Santos. Na capa há uma foto (de Flavio Colker) do trio Dado, Bonfá e Renato que traduzia a fase do grupo quando do lançamento, vestidos à menestréis e envoltos em flores coloridas já anunciavam um conjunto de canções mais amenas. O que se ouviu/leu/sentiu, e segundo o próprio Russo declarou, foi um desvelar de constatações sobre a perda.

## PERFEIÇÃO

I  
Vamos celebrar a estupidez humana  
A estupidez de todas as nações  
O meu país e sua corja de assassinos  
Covardes, estupradores e ladrões

Vamos celebrar a estupidez do povo  
Nossa polícia e televisão  
Vamos celebrar o nosso governo

---

<sup>3</sup> O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 1924, foi o órgão do governo brasileiro, utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde no Regime Militar de 1964, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.

E nosso estado que não é nação

Celebrar a juventude sem escolas  
As crianças mortas  
Celebrar nossa desunião

Vamos celebrar Eros e Thanatus  
Perséphone e Hades  
Vamos celebrar nossa tristeza  
Vamos celebrar nossa vaidade

II

Vamos comemorar como idiotas  
A cada fevereiro e feriado  
Todos os mortos nas estradas  
E os mortos por falta de hospitais

Vamos celebrar nossa justiça  
A ganância e a difamação  
Vamos celebrar os preconceitos  
E o voto dos analfabetos

Comemorar a água podre  
Todos os impostos, queimadas, mentiras e sequestros  
Nosso castelo de cartas marcadas  
O trabalho escravo e nosso pequeno universo

Toda a hipocrisia e toda a afetação  
Todo o roubo e toda a indiferença  
Vamos celebrar epidemias  
É a festa da torcida campeã

III

Vamos celebrar a fome  
Não ter a quem ouvir  
Não se ter a quem amar

Vamos alimentar o que é maldade  
Vamos machucar um coração  
Vamos celebrar nossa bandeira  
Nosso passado de absurdos gloriosos

Tudo o que é gratuito e feio  
Tudo o que é normal

Vamos cantar juntos o hino nacional  
(A lágrima é verdadeira)  
Vamos celebrar nossa saudade  
E comemorar a nossa solidão

IV

Vamos festejar a inveja  
A intolerância e a incompreensão  
Vamos festejar a violência  
E esquecer a nossa gente  
Que trabalhou honestamente a vida inteira  
E agora não tem mais direito a nada

Vamos celebrar a aberração  
De toda nossa falta de bom senso

Nosso descaso por educação

Vamos celebrar o horror de tudo isso  
Com festa, velório e caixão  
Está tudo morto e enterrado agora  
Já aqui também podemos celebrar  
A estupidez de quem cantou essa canção

V

Venha, meu coração está com pressa  
Quando a esperança está dispersa  
Só a verdade me liberta  
Chega de maldade e ilusão

Venha, o amor tem sempre a porta aberta  
E vem chegando a primavera  
Nosso futuro recomeça  
Venha, que o que vem é perfeição

Vendo sua realidade em desalinho, Russo compõe uma ode à perversidade humana: “Vamos celebrar nosso governo / E nosso estado que não é nação... / Celebrar a juventude sem escolas / As crianças mortas / Celebrar nossa desunião... / Vamos celebrar Eros e Thanatos / Persephone e Hades / Vamos celebrar nossa tristeza / Vamos celebrar nossa vaidade... / Vamos comemorar como idiotas / A cada fevereiro e feriado / Todos os mortos nas estradas / Os mortos por falta / De hospitais...”. Convocando a nação de forma sarcástica a celebrar o que não deveria existir, o autor reflete mais uma vez o sujeito de “Geração Coca-cola”, vitimado por uma vida de consumo e vazio, reiterando uma estética crítica que faz uso das inversões semânticas na construção dos versos. A linguagem em si já revela o teor aguerrido do protesto, por ser a partir dela que se percebe a inversão – proposital – de valores do poema.

A letra é uma ode ao inverso: à morte, à ganância e ao individualismo. Russo cria um discurso colérico que se vale da oposição dos sentidos, a começar pelo título da canção: “Perfeição”, em uma sequência de versos em que se tem o contrário ao significado desta palavra: “qualidade do que é perfeito em seu gênero, substantivo feminino que trata das qualidades da alma e do corpo; em teologia, relacionado ao divino, atributos de Deus em grau infinito” (HOUISS, 2001). Caustico, usa a primeira pessoa do plural para integrar-se à massa – “vamos” – e pede que sua estupidez seja louvada, pela ousadia improdutiva de seu ato.

O deus alado do amor se une ao deus da morte, nos extremos. A canção celebra o casal sombrio representado por uma das mais belas deusas da mitologia, raptada pelo guardião dos mortos. Tal associação à letra como um todo, sela um apelo enraivecido de Renato Russo à revolução. O sujeito que convoca a “celebração” também se insere no meio dos homens que erram, em uma escolha lexical agressiva na comparação: “como idiotas”; há protesto também na repetição do tema dos mortos como vítimas do sistema, em três momentos: referente a crianças, aos mortos nas estradas e nos hospitais. Vê-se que o sujeito adota uma postura firme de crítica social perceptível no duplo sentido do texto, o qual celebra o impossível de ser celebrado.

O diálogo entre “Que país é este?” e “Perfeição” não poderia ser mais atual quando pensamos nos embates políticos vividos no Brasil hoje. Na edição especial das eleições da Carta Capital, Murilo Matias resume em uma frase a epifania outsider política das letras de Russo, cito: “São Paulo elegeu um palhaço, um ator pornô, uma plagiadora e um príncipe sem trono, mas, segundo o publicitário José Boralli, quem não sabe votar são os nordestinos”. Há tantas referências à ironia de Perfeição no que está implícito na frase de Matias que nem perguntar “Que país é este?” alcança a indignação de um possível retrocesso histórico que nos lança exatamente para o período anterior àquele em que as letras de Russo foram produzidas. “Que país é este?” (de Russo e Affonso) e “Perfeição” congregam a frustração de um sujeito que não pode crer no cenário que há 500 anos ergue-se diante de todos, tecido na impunidade, na corrupção e na crença absoluta de que a política é ferramenta de benefício pessoal e não coletivo. Como glutões gargantuanescos, os poderosos alimentam-se dos recursos públicos e da crença cega de grande parte da população, nutrida pelos senso comum e pela proliferação de

informações “contaminadas” via mídia, bem no sentimento de condução de massa já percebido antes por Hitler.

Quando Renato escreve os versos: “Terceiro Mundo se for / Piada no exterior / Mas o Brasil vai ficar rico / Vamos faturar um milhão / Quando vendermos todas as almas / Dos nossos índios num leilão.” e encarna nos palcos o desvario de sua ironia com sua dança caótica, soma performance e voz ao texto, e para Zumthor (2007, p. 22), o corpo e a voz (como sua expansão) garantem o peso e o calor que nenhum meio é capaz de substituir, “o corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos”, como materialização daquilo que é próprio do sujeito em sua relação com o mundo. Renato transbordava em sua atitude rock and roll e performance no palco, era ali tudo o que suas letras diziam e muito mais, expurgo de si mesmo. Essa atitude alcançava a platéia, que respondia à pergunta: “É a porra do Brasil”, como mantra catártico de frustrações ancestrais ainda presentes hoje. Não à toa essa canção foi entoada repetidas vezes em vários protestos de rua, pelas multidões, desde o golpe que cedeu posse da presidência do país a Temer.

## **DESFECHO**

Em tempos de golpe e de ideologias marcadas pela superficialidade, fakenews e apologia à tortura, entendemos o ato de produzir poesia como um compromisso com a humanidade. Aqui pensamos o lugar do poeta hoje e sempre, daquele que cria, como este no qual o compromisso com a missão da poesia, do discurso, é maior que o medo e as correntes. Como Octavio Paz já havia percebido, a poesia é “conhecimento, salvação, poder, abandono”. Em sua concepção, o poema seria capaz de transformar o mundo, pois “a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior”. Se, como apregoa Paz, a poesia é “pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero”, assim são as canções de Renato Russo; de cada um desses sentimentos nasce a necessidade de criar suas letras, forjadas diante do espanto e da revolta frente a ditadura militar no Brasil, do amor e do caos interior vividos pelo indivíduo em trânsito.

Não só é possível, como também vital e necessária, a produção de poesia hoje, diante do horror, da dor e da desesperança que o cenário atual faz ver no horizonte. Para isto o poeta, para isto a poesia: sobreviver. A arte como manifesto do sujeito, retrato de um tempo, seu maior papel, a arte como tentativa de resistir, numa concepção que abraça Zygmunt Bauman e afunda em uma só chaga os entendimentos sobre o momento atual. Mesmo líquido, que o contemporâneo não afogue os justos e sirva de lugar de resistência, com a poesia servindo mais uma vez de bote salva vidas, máscara de oxigênio. Se como Renato previu a realidade é ironia, suas letras estão ainda mais vivas. Os ecos de sua produção encontram um cenário que se supunha amenizado a partir dos anos de 1980, mas reavivados pelos movimentos de onda tão característicos da política e da sociedade, como escolas literárias, a expansão e a retração, a liberdade e a prisão, a esperança e o fim dela.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio.** 2009. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó – SC: Argos.
- BAUMAN, Zigmunt.** 2004. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
- HOUAISS, ANTONIO e VILLAR, MAURO DE SALES.** 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SANTANNA, Affonso Romano.** 1980. *Que País é Este?* São Paulo: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. 2001. “Canto e Palavra”. In: *Ao encontro da palavra cantada: poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Paródia, paráfrase e Cia*. São Paulo: Editora Ática.
- \_\_\_\_\_. 2004. *Música popular e moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes.
- ZUMTHOR, Paul.** 2007. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2ª Ed.
- \_\_\_\_\_. 1993. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Tradução: Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras.

#### DISCOGRAFIA

- LEGIÃO URBANA.** 1985. *Legião Urbana*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Dois*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1987. *Que país é este – 1978/1987*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1989. *As quatro estações*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1991. *V*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1992. *Música para acampamentos*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1993. *O descobrimento do Brasil*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1996. *A tempestado ou O livro dos dias*. Emi-Odeon Brasil.
- \_\_\_\_\_. 1997. *Uma outra estação*. Emi-Odeon Brasil.